

A INGLATERRA E A RETÓRICA DO UKIP CONTRA A IMIGRAÇÃO: A INFLUÊNCIA DOS NACIONALISTAS PARA O BREXIT

Andrya Mickaelly da Silva Santos (FADIC)

Resumo: O presente artigo objetiva analisar o discurso do Partido UKIP em relação ao Brexit. Fazendo uma construção de pensamento desde o início da guerra na Síria, que acabou estourando uma crise na União Europeia, até a retomada do conceito de identidade na Inglaterra, que por muitos anos recebeu grandes quantidades de pessoas de outras nações e agora teme a sua extinção em relação às novas ameaças. Como o discurso anti-imigração tem construído a identidade do outro como sendo um “problema” social a ser enfrentado através de rígidas políticas de fronteiras.

Palavras-Chave: UKIP; Brexit; Síria; Identidade; Fronteiras

Abstract: This article aims to analyze the Party UKIP speech in relation to Brexit. Making a building thought from the beginning of the war in Syria, which ended up bursting a crisis in the European Union, until the resumption of the concept of identity in England, which for many years received large numbers of people from other nations and now fears that his extinction in relation to new threats. As the anti-immigration discourse has built the identity of the other as a "problem" social to be addressed through strict border policies.

Keywords: UKIP; Brexit; Syria; Identity; Borders

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de noventa podemos perceber uma forte interação entre as nações, esse período é conhecido como a década das convenções internacionais. Essa diminuição do espaço-tempo é marcada pelo processo de globalização que fez com que as distâncias diminuíssem e o tempo fosse otimizado nas mais diversas áreas sociais. No entanto, essa onda provocou uma intensificação da migração ao redor do mundo, já no início do século XXI. Estamos presenciando um deslocamento de grandes grupos de pessoas para as áreas mais desenvolvidas da Terra.

Neste trabalho, trataremos da atual questão da guerra na síria especificamente como um dos principais motivadores da grande onda de refugiados que provocou a “proclamação” da crise na

União Europeia e levou muitos estados a questionarem sua permanência no bloco regional. No entanto, nosso foco será específico no estudo de um país, a Inglaterra, que recentemente foi palco de várias discursões sobre a saída do Reino Unido da União Europeia, em que a decisão foi tomada através de um que foi acompanhado por várias regiões do mundo e teve uma grande repercussão no Brasil. Trataremos do partido de extrema direita, UKIP, fazendo uma análise dos discursos que estão tomando as ruas inglesas, conquistando novos adeptos e assustando muitas pessoas de outros países, pelo seu posicionamento retrogrado, e xenófobo. Nesse país, a discussão do “o que é ser inglês” tem ganhado força em uma sociedade considerada por tanto tempo cosmopolita e que agora se vê avessa às adversidades culturais que tanto contribuíram para o seu desenvolvimento.

O principal objetivo é analisar, através de dados, quantitativos e qualitativos, extraídos de obras de autores com respaldo acadêmico, e focando na busca através de sites confiáveis de notícias internacionais, para entendermos como esta influência vem sendo imposta as pessoas. Vamos tentar responder ao seguinte questionamento “Como o partido UKIP vem construindo o seu discurso anti-migração, e como isso influenciou os ingleses para o Brexit?”

2. PRIMAVERA ÁRABE E O ESFACELAMENTO DO ESTADO SÍRIO

No mundo árabe, uma série de protestos populares e revoluções deram início a uma onda de revolta, passando a ser chamada de Primavera Árabe, no ano de 2011. As pessoas foram às ruas reivindicar melhorias econômicas e sociais, como também, queriam colocar abaixo os governos ditatoriais e, por isso, clamavam por uma democracia local. Egito, Tunísia, Síria, Iêmen e Barein passavam por uma crise em que as taxas de desempregos e os preços dos alimentos eram altos, o que gerava uma insatisfação coletiva desses povos.

Como resultado, as ditaduras desses países foram derrubadas através da mobilização da população de cada região. Ademais, também houve ajuda vinda do sistema internacional, como foi o caso da Líbia que recebeu um reforço militar da OTAN¹, que acabou matando o Muammar Kadafi, no conflito. A Síria é o país que foge à regra, até hoje a população síria não conseguiu destituir o governo ditador de Bashar al-Assad.

¹ Os interesses geopolíticos, por ser uma região rica em reservas petrolíferas, os Estados Unidos se tornou um aliado dos governos ditatoriais da região árabe. No entanto, a Primavera Árabe colocou em riscos esses interesses.

A República Árabe da Síria tem como sua capital a cidade de Damasco, que também é considerada a cidade mais importante do país, que, na antiguidade, foi a capital do Império Omíada². Por isso, é considerada a cidade mais antiga do país, e a mais povoada. Faz fronteira com o Iraque, Israel, Jordânia, Líbano e Turquia, possuindo também uma vantagem natural, uma saída para o mar mediterrâneo. Sem dúvidas é um território que possuía uma riqueza cultural muito grande, com seus sítios arqueológicos e com cidades com arquitetura que deixava transparecer os traços de uma sociedade tão importante para o entendimento da civilização humana.

No entanto, junto com a Primavera Árabe, veio a crise síria que se alastrou e hoje se vê através da guerra entre os povos de um mesmo território na busca pelo poder. Foi na cidade de Deraa, localizada no sul do país, que se desencadeou o conflito quando houve a prisão e a tortura de jovens que pintaram no muro da escola slogans revolucionários, que condiziam com os ideais da Primavera Árabe. Não bastando os atos de violência anteriormente mencionados, as forças de segurança atiraram contra os manifestantes. Essa atitude provocou a morte de vários jovens, levando muitas pessoas às ruas para protestarem contra essa violência, o que desencadeou uma série de manifestações em várias regiões do país pedindo o fim do governo ditatorial de Assad, e também a sua saída do poder. Esse conflito já destruiu um grande número de bairros inteiros, deixando milhares de famílias desabrigadas, sendo forçadas a se deslocarem, de início, internamente.

Uma parte expressiva da população encontra-se presa em cidades sitiadas, onde muitas vezes a ajuda humanitária não consegue chegar, o que torna ainda mais difícil a sobrevivência dessas pessoas, que estão em lugares inóspitos. Mesmo diante desse cenário caótico, a tentativa de combater o governo e a oposição não pára. Outro problema que vem sendo levantado, é a fragmentação da oposição, que vem dando origem a novos grupos que podemos denominar de “facções” de origem islâmica e que têm vínculo com a Al-Qaeda, que tem táticas extremamente violentas que preocupam até mesmo os grupos rebeldes. O grupo Estado Islâmico (EI), de origem jihadista, tem preocupado não só as pessoas que ainda estão na Síria, como também toda a sociedade internacional, por causa da sua influência ao redor do mundo, que atrai vários adeptos de países diversos, e suas ideias cada vez mais são dissipadas. Com isso, pode-se perceber que o

² Provenientes da dinastia turca de califas de Maomé.

conflito vai ganhando um novo arcabouço, onde começa a se ter a intervenção de países vizinhos, incluindo o fato do Estado Islâmico estar dando outra roupagem ao conflito. A violência é uma característica das relações humanas que está presente desde o princípio da existência do ser humano. (AMARAL, 2016)

O esfacelamento da Síria como Estado-nação está tendo como consequência o deslocamento forçado dos seus habitantes, o que vem provocando o maior êxodo já registrado na história, depois da Segunda Guerra Mundial. Os países vizinhos estão tendo que acolher muitas dessas pessoas, onde grande parte delas são mulheres e crianças.

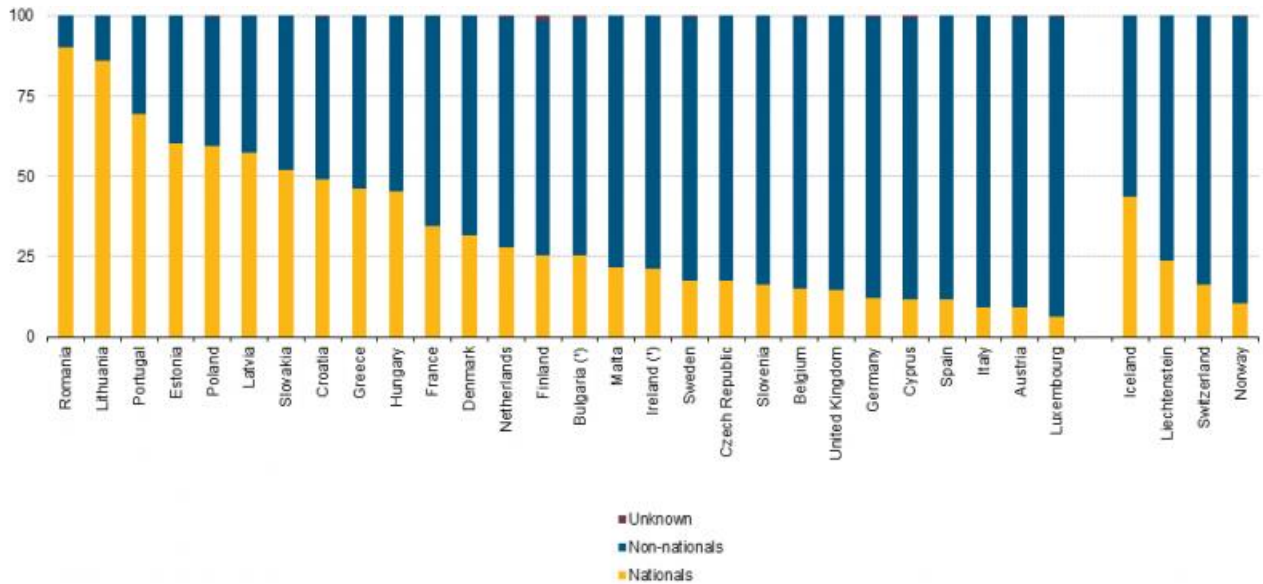
A crise dos refugiados tomou grandes proporções, principalmente a partir de 2013, quando a crise na Síria se intensificou. Os refugiados só começaram a ser notícias na mídia internacional, quando essas pessoas começaram a chegar em grandes grupos nas ilhas gregas, levando a União Europeia a decretar uma crise. Segundo a Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), são consideradas refugiadas as pessoas obrigadas a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos. Essa crise de refugiados advindos da Síria intimamente relacionada aos fenômenos migratórios atuais, relacionada ao princípio nº 2 do artigo 13º da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Toda pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país”.

Uma pesquisa recente da ACNUR, de junho desse ano (2016), mostra que 1 em cada 113 pessoas no mundo é solicitante de refúgio, deslocada interna ou refugiada. A cada minuto cerca de 24 pessoas são deslocadas. São dados como esse que preocupam cada vez mais os países europeus.

A maior parte das pessoas que chegam à Grécia vêm da Síria (48%) e do Afeganistão (25%), mas há também um grande fluxo de pessoas do Iraque, Paquistão e Irã. Os que chegam pela Itália, vêm principalmente da África (Nigéria 20%, Eritreia de 12%, Gâmbia, Guiné, Sudão e Costa do Marfim, 7% cada). (ACNUR, 2016)

O estilo de vida europeu advindo dos longos anos de prosperidade econômica leva muitos imigrantes a optarem por arriscarem tudo que têm, inclusive a vida, para chegarem à região e ali serem aceitos, como membros da sociedade. Dados Estatísticos levantados pelo Eurostat, (2013) mostram que Luxemburgo tem a maior taxa de imigração, seguido por Malta, e Chipre; como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1: Distribuição dos imigrantes por nacionalidade, 2013



(*) Provisional.
 Source: Eurostat (online data code: migr_imm2ctz)

(% de todos os imigrantes)
 Fonte: Eurostat (migr_imm2ctz)

A Grã-Bretanha tem se preocupado bastante com relação à entrada de imigrantes em seu território, principalmente a Inglaterra. No entanto, a Inglaterra é um dos países que vêm recebendo um contingente pequeno de estrangeiros, mas especificamente, refugiados, desde o início da crise dos refugiados, se comparamos com os outros países da Europa. Alguns pontos podem ser levantados para explicar essa não aceitação por parte dos ingleses. No entanto, não se pode esquecer que esses grupos que estão sendo deslocados de maneira forçada, não têm a opção de ficarem no seu país de origem, pois muitos deles já estão na lista dos “Estados falidos”. Não há, pelo menos por enquanto, expectativa de vida nesses locais onde a guerra é a lei que rege as relações entre os indivíduos que lá estão.

3. A RETOMADA DO CONCEITO DE IDENTIDADE

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2004)

Nossa sociedade contemporânea se distingue das sociedades passadas pelo rápido movimento que ela produz, onde as mudanças são constantes e rápidas. Ao mesmo tempo que há o que muitos teóricos chamam de encolhimento do mundo, através do desenvolvimento dos transportes, dos meios de comunicação, do sistema econômico; “o encolhimento do mundo revela intensamente que a dinâmica é de criar homogeneidade e heterogeneidade simultânea”. (RIBEIRO, 2000)

Hoje, nosso modelo de sociedade acentua a diferença entre os cidadãos, apesar da transnacionalidade estar muito presente, as fronteiras físicas continuam existindo, o que podemos dizer com relação a elas é que houve uma certa “flexibilização” que é uma característica do processo de globalização. As “fronteiras sociais” cada vez mais dividem determinados grupos dentro de um mesmo Estado; é preciso que as diferenças sejam acentuadas para que o “eu” possa construir a sua identidade através do posicionamento do outro, essa construção se dá de forma imaginada, fantasiosa.

Entretanto, embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e “resolvida”, ou unificada, como uma “pessoa” unificada que ele formou na fase do espelho. Essa, de acordo com esse tipo de pensamento psicanalítico, é a origem contraditória da “identidade”. (HALL, 2004)

A identidade é um processo contínuo de construção, onde vários elementos ao longo da vida do ser humano vão moldando o seu ser, vai absorvendo também os elementos do lugar onde vive, na troca com os outros membros da sociedade. A criança não nasce com uma identidade já formada, tanto que, partes do seu “eu interior” só acabam sendo descobertos na fase adulta, quando novos elementos que estão sendo somados à sua construção indenícia começam a fazer sentido. É preciso entender a construção da identidade individual para que se possa chegar a identidade coletiva, que aqui estamos nos referindo a nacionalidade. A nacionalidade, por muitos indivíduos, é tida como algo natural, é considerada algo originário, quem já está impressa no ser desde o seu nascimento.

Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas

não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2004)

Segundo Hall (2004), a formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. Desde a imagem de uma verde e agradável terra inglesa, com seu doce e tranquilo interior, com seus chalés de treliças e jardins campestres- “a ilha coroada” de Shakespeare- até às cerimônias públicas, o discurso da “inglesidade” (englishness) representa o que “a Inglaterra” é, dá sentido à identidade de “ser inglês” e fixa a “Inglaterra” como um foco de identificação nos corações ingleses (e anglófilos). A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural. “O povo britânico” é constituído por uma série desses tipos de conquistas – céltica, romana, saxônica, viking e normanda. O nacionalismo britânico moderno foi o produto de um esforço muito coordenado, no alto período vitoriano tardio, para unificar as classes ao longo de divisões sociais, ao provê-las com um ponto alternativo de identificação ‘pertencimento comum à família da nação’.

A identidade nacional está ligada ao lugar de pertencimento, e também aos elementos simbólicos que os diferenciam dos outros grupos. O lugar é algo familiar, reconhecido. Através do convívio em comunidade o indivíduo constrói o seu “eu” e permite um reconhecimento do papel dele naquela sociedade. Ele se reconhece como membro que compartilha valores, crenças, obrigações e cumpre deveres. Essa construção permite que o indivíduo possua uma formação baseada no passado histórico, como uma ligação com o tempo presente, e também permite projeções futuras.

Como esta situação tem se mostrado na Grã-Bretanha em termos de identidade? O primeiro efeito tem sido o de contestar os contornos estabelecidos da identidade nacional e o de expor seu fechamento às pressões da diferença, da “alteridade” e da diversidade cultural. Isto está acontecendo, em diferentes graus, em todas as culturas nacionais ocidentais e, como consequência, fez com que toda a questão da identidade nacional e da “centralidade” cultural do Ocidente fosse abertamente

discutida. Num país que é agora um repositório de culturas africanas e asiáticas, o sentimento do que significa ser britânico nunca mais pode ter a mesma velha confiança e certeza. O que significa ser europeu, num continente colorido não apenas pelas culturas de suas antigas colônias, mas também pelas culturas americanas e agora pelas japonesas. (HALL, 2004)

O aumento do fluxo migratório tem provocado um fortalecimento das identidades nacionais na União Europeia, e principalmente na Inglaterra, como uma forma de se defenderem do “outro” que é estranho aos olhos dos ingleses, por não terem os mesmos costumes, compartilharem a mesma crença, o mesmo idioma. O grupo dominante se sente ameaçado e com isso acaba tendo atitudes de defesa, e também leva os seus nacionais a verem o outro como “problema”.

A sociedade contemporânea está alicerçada sobre o pânico da “segurança pessoal”. Estamos preocupados em manter nosso status social a qualquer custo. Para isso contamos com a figura do Estado. Este vem por décadas desenvolvendo uma percepção de perigo e insegurança em torno do imigrante. Esta percepção tomou proporções muito maiores no pós 11 de setembro quando o título de “terrorista” foi adicionado a qualquer pessoa em busca de asilo. Chegamos a 2015 com o conceito construído e disseminado de que o “outro” é o problema. (FARIAS, 2016)

Essa construção do “outro” acaba sendo limitada e, por diversas vezes, sinaliza um pensamento muito atrasado, que não deveria condizer com a sociedade em que vivemos. Tudo leva a crer que o processo de globalização onde o espaço-tempo da mesma forma que diminui as distâncias, gera intolerância e práticas xenófobas.

4. O PARTIDO UKIP E A INFLUÊNCIA PARA O BREXIT

Migração é um fato inerente ao ser humano. Debruçar esforços em para-la é um equívoco, especialmente em um mundo fortemente globalizado. Uma sociedade harmoniosa, tolerante e inclusiva é o caminho para alcançarmos a segurança social e pessoal que tanto almejamos. (FARIAS, 2016)

Na Europa, uma tendência vem sendo observada por vários estudiosos, como cientistas políticos, internacionalistas; com relação ao posicionamento de alguns partidos e a postura adotada na questão migratória. Seus posicionamentos nesse tema podem definir qual conseguirá ser eleito ou não. A postura anti-migratória que o inglês vem adotando cada vez mais de uma forma intensa,

leva essas pessoas a procurarem líderes que podem chegar ao poder e com isso implementar políticas públicas, para que possam administrar o esse trânsito de pessoas com uma maior eficácia. Essa onda de imigrantes é vista como uma ameaça não só pela quantidade de pessoas que adentram o país, mas porque entre essa população existe um grande contingente de refugiados. Na cabeça da maioria das pessoas, principalmente os ingleses, eles correlacionam o “ser refugiado”, ao “ser terrorista”.

Os Partidos xenófobos e populistas vêm conseguindo obter bons resultados em alguns países europeus. Não é o regresso de uma extrema-direita clássica, mas de partidos fortemente anti-imigração e anti-islâmicos – que acaba por ser o único fator de unidade entre partidos muito diferentes entre si. Ao compartilharem ideologias racistas, esses partidos buscam construir um “muro”, mesmo que invisível, mais que é forte e traz o sentimento de segurança e garantia de uma continuidade do bem-estar para os europeus. Esse posicionamento também fez com que líderes políticos aparecessem para a população, como marketing político, elevando as chances desses partidos chegarem ao poder, e que talvez, se não tivessem tomado esse discurso como bandeira partidária, provavelmente, teriam poucas chances de serem eleitos.

Os partidos de extrema direita, nos países da União Europeia, buscaram se fortalecer instrumentalizando os medos da população e crescer eleitoralmente empregando a retórica anti-imigração usando a crise migratória como principal elemento. No entanto, é questionável esse discurso dos partidos da extrema-direita da União Europeia, já que os grandes contingentes de refugiados sírios estão situados na Turquia, Líbano e Jordânia, e não na Europa como eles afirmam. A esses partidos nacionalistas, na Europa, tem ganhado força através de campanhas xenófobas, principalmente em países onde sua força era pequena, e consequentemente não tinham êxito eleitoral. No entanto, os partidos nacionalistas são bem diferentes entre eles, mas há um fator que os unem, que é forte posição anti-imigração, principalmente aqueles que estão situadas na Europa Ocidental têm esse elemento em destaque. Em momentos de crise, a extrema-direita ressurgem com força total, através do “voto de protesto” dos cidadãos, com relação ao partido que está no governo, contra a corrupção no país. O discurso anti-imigração está ancorado em uma ideologia extremista. (LUCENA SILVA & SANTOS, 2016)

Esses partidos xenófobos e populistas que estavam, de certa forma, esquecidos pela população, ressurgem com um discurso que atrelado a ideologia anti-imigração e anti-islâmico. A partir dessa definição, pode-se concluir que não significa apenas a ressurgência de partidos de extrema-direita clássica, se tem adiante, uma ideologia contemporânea que vai além dos seus princípios básicos que a caracteriza como tal. Na Inglaterra, a presença do Partido UKIP (Partido pela Independência do Reino Unido) vem delineando o cenário político atual (2016), e levantando reflexões quanto aos posicionamentos e decisões diante de uma Europa caótica, banhada pela incerteza, tão mencionada pelos políticos, e reproduzida pela população.

No dia 23 de junho de 2016, o mundo acompanhou o plebiscito para o Brexiti, que definiu a saída do Reino Unido da União Europeia, foi um dia que marcou a história da Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales. Essa consulta a população foi uma promessa de campanha de David Cameron se caso ele ganhasse as eleições. Após sua vitória, Cameron começou a sofrer com as pressões exercidas pelos políticos que compõem seu partido político, mas que também são membros do UKIP, pois a última consulta a população foi em 1975, que na ocasião os britânicos decidiram permanecerem no bloco regional. No entanto, muitas mudanças, ocorreram no mundo, e em especial na Europa nesses últimos anos. Nessa consulta todos os votos tiveram o mesmo valor, ficou também definido que não haveria um número mínimo de eleitores para que o resultado fosse válido, a maioria simples foi o que prevaleceu.

Cameron, primeiro-ministro, defendeu abertamente em seus discursos, desde o início do processo pela permanência no bloco, assim como também outros chefes de Estados defenderam esse posicionamento, como o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Por outro lado, se tem a retórica de partidos euroéticos que defendem que o crescimento da União Europeia, seus êxitos, se deu através de inferências na soberania do Reino Unido.

O partido UKIP teve um papel de relevância nesse resultado, através das suas campanhas xenófobas que logo ganhou a mídia internacional, com frases como a de Nigel Farage, líder do partido: “Você pode mostrar seu apoio para a independência e soberania do Reino Unido”; “If you Believe in Britain, Vote UKIP on May 5” (UKIP, 2016). Por trás dessas frases, se pode perceber, a crescente influência do nacionalismo. Pois se remetem a proteção cada vez mais acentuada da soberania desses países, através de um forte controle fronteiriço e que leva, claramente, a uma contenção dos fluxos migratórios para o Reino Unido de uma forma mais geral, mais especialmente

para um fechamento de fronteiras na Inglaterra que por tanto tempo recebeu imigrantes do mundo inteiro.

São discursos como estes que estão ganhando relevância no contexto europeu, em época de crise da União Europeia, o partido UKIP influenciou vários cidadãos britânicos a votarem a favor da saída do Reino Unido como uma forma de preservarem sua identidade nacional, e também o seu bem-estar social. Esse sentimento nacionalista foi amplamente visto na Inglaterra, que já é conhecida por ter uma ideologia conservadora, no entanto essas questões foram ressaltadas pelo próprio líder do partido UKIP Nigel Farage.

O Partido atrai uma grande massa da população britânica que tem um baixo nível de escolaridade e conseqüentemente um baixo nível de qualificação profissional. Diante desse cenário, se pode perceber que são essas as pessoas que dão legitimidade ao discurso do UKIP, pois são essas pessoas que vem sendo afetadas pela crise na Europa. Em uma entrevista recente Farage afirmou: “Vamos mostrar que os britânicos estão fartos dessas decisões absurdas da União Europeia. Nós não detestamos a Europa, nós adoramos nossos vizinhos [...], mas não queremos ser governados por instituições estranhas em Bruxelas, com uma bandeira e um hino que não defendemos [...]. (RFI, 2014). Os imigrantes e refugiados aparecem como elementos agravadores, são considerados como pessoas que adentram a esses países com o propósito de “roubaram” os empregos dos britânicos, comprometendo a boa qualidade de vida, e também a segurança da população nacional. Vale ressaltar, que o perigo a segurança está relacionado ao “ser oriental”, esse já é um elemento o que liga essas pessoas de origem mulçumana a figura do terrorista, como mencionado anteriormente. O Partido também leva para as pessoas o discurso de que participar da União Europeia fez com que a Inglaterra, abrisse suas fronteiras para um grande fluxo de pessoas, e que com isso políticas de contenções não puderam ser implementadas com uma maior facilidade, para eles os imigrantes têm uma grande facilidade de adentrar ao território e prejudicar o estado de bem-estar social.

De certa maneira, o ex-líder do partido inglês estava correto. O que ocorreu no Reino Unido com a maioria, embora apertada, da população decidindo pela saída da União Europeia, deu munção aos partidos nacionalistas europeus. A melhor solução para a crise humanitária que a UE vive é o fim da Guerra Civil que assola

a Síria. O impasse na resolução do conflito sírio mostra que o drama humanitário ainda deve persistir. (LUCENA SILVA & SANTOS, 2016)

5. Conclusão

Será a entrada de deputados de partidos de extrema-direita nos parlamentos de vários países europeus o maior terremoto político na Europa desde o desaparecimento do comunismo? [...] Exagerado ou não, a verdade é que a extrema-direita tem feito ganhos e aparecido com relevância em países onde não tinha tido até agora sucesso eleitoral. [...] Estes partidos são todos muito diferentes, mas há um fator comum: uma forte posição anti-imigração e anti-islamista, principalmente nos países da Europa Ocidental. (GUIMARÃES, 2011)

Os conflitos ao redor do mundo vêm ajudando a aumentar o fluxo de pessoas que são obrigadas a sair dos seus países de origem, onde os direitos fundamentais já não estão sendo mais respeitados e garantidos pelo Estado, colocando em risco a vida de milhares de famílias. A falta de acordo com os grupos e o governo da Síria vem alastrando uma guerra civil que já matou milhares de pessoas, e fez com que muitos indivíduos migrassem para a Europa na esperança de recomeçarem uma nova vida.

No entanto, podemos perceber que essas correntes de imigração provocaram o que hoje é considerado uma crise na Europa, onde ao mesmo tempo que há ativistas na região tentando acolher essas pessoas, há também muitos habitantes que desprezam e encaram essa situação como algo ameaçador à sua existência naquela determinada sociedade em que nasceu e construiu a sua identidade, reconhecendo-se como nacional daquele Estado-nação, ao qual presta lealdade. Isso fez com um novo discurso entre os partidos conservadores emergisse e conquistasse novos adeptos das suas ideologias.

Na Inglaterra, houve uma grande atuação do partido UKIP no que diz respeito à política anti-imigração, que influenciou de forma direta o voto dos ingleses para a saída do Reino Unido da União Europeia. Esse cenário é de difícil compreensão, pois a Inglaterra sempre foi conhecida como um país acolhedor de vários povos, de diferentes culturas, e agora estamos presenciando atitudes que excluem e afastam esses migrantes e, principalmente no que diz respeito aos refugiados, que são grupos mais vulneráveis.

6. BIBLIOGRAFIA

ACNUR. **Estatísticas.** Disponível em: <
<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/>> Acessado em: 17 de set. 2016

AMARAL, Rodrigo. **Violência cultural: xenofobia, terrorismo e o advento da intolerância nas relações transnacionais.**

EUROSTAT. **Estatísticas da migração e da população migrante.** Disponível em: <
http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration_and_migrant_population_statistics/pt> Acessado em: 17 de set. 2016.

FARIAS, Maeli. **Hostilidade da Sociedade Britânica na atual crise dos refugiados: uma perspectiva pós-colonial.**

GUIMARÃES, Maria. **A nova extrema-direita europeia.** Disponível em: <
http://janusonline.pt/arquivo/popups2011_2012/2011_2012_3_1_3.pdf> Acessado em: 17 de set. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, Editora DP&A, 2004.

LUCENA SILVA, Antônio; SANTOS, Andrya. **A contenção dos indesejáveis: imigração, refugiados e a retórica do UKIP.** Disponível em: <
<https://voxmagister.wordpress.com/2016/09/28/a-contencao-dos-indesejaveis-imigracao-refugiados-e-a-retorica-do-ukip/>> Acessado em: 28 de set. 2016

MOYSÉS, Adriana. **Nigel Farage, o carismático líder do partido 'eurocético' britânico Ukip.** Disponível em: <
<http://br.rfi.fr/geral/20140513-nigel-farage-o-carismatico-lider-do-partido-populista-britanico-ukip>> Acessado em: 27 de out. 2016.

RIBEIRO, Gustavo. **Cultura e política no mundo contemporâneo.** Brasília, Editora UNB, 2000.

